

CRÔNICA DE UMA QUASE ENTREVISTA PARA UMA QUASE MATÉRIA

Andrea Elias



Andrea Elias
doutoranda da Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO)
Diretora, coreógrafa, bailarina, atriz, educadora e produtora
cultural. Criadora e diretora da Cia de Dança Teatro Xirê.

Andrea Elias

PhD student of State at the Federal University of
Rio de Janeiro (PPGAC / UNIRIO)

Director, choreographer, dancer, actress, educator and
cultural producer. Creator and director of Dance Company
Theatre Xirê.



Fonte: <http://vamosfalar-jornalismocultural.blogspot.com.br/2013/05/danca-rio-de-janeiro-ferida-sabia.html>

Angel Vianna é bailarina, professora, coreógrafa, pesquisadora e artista plástica.

Angel Vianna is a dancer, teacher, choreographer, researcher and artist.

CRÔNICA DE UMA QUASE ENTREVISTA PARA UMA QUASE MATÉRIA

Andrea Elias

Por volta das onze horas terminávamos um largo café da manhã na casa de Angel Vianna e eu, naquele momento, a lembrava que a jornalista chegaria em torno de 11:40 com um fotógrafo para a entrevista cujo objetivo era a produção de uma matéria a ser publicada em um dos cadernos de importante jornal do Rio de Janeiro. Tatiane, hoje braço direito de Angel Vianna, estava à mesa conosco e me ajudou a enfatizar o adiantado da hora frente à necessidade da mestra em prostrar-se por longos minutos à frente do espelho até deixar cabelos e maquiagem em ponto justo para se permitir ser vista em público, mesmo que em sua sala de estar.

Entre o primeiro sinal de que era hora de aprontar-se para receber os jornalistas e o momento no qual ela, efetivamente, deixou a mesa rumo ao banheiro, eu buscava, mesmo sabendo ser inútil, esclarecer-lhe sobre os pontos importantes da entrevista. Horas antes, quando me dirigia para o apartamento da Rua Almirante Guilhem, no Leblon, a assessora de imprensa havia me chamado pelo celular para solicitar-me que acompanhasse sozinha a entrevista, pois ela não poderia estar presente. Pelo telefone fez-me, então, um *briefing* e, entendendo que a tarefa nada demais me exigiria, aceitei a missão. Lá estava eu, naquele momento, lembrando a importância de citar tais e tais assuntos na conversa que estava por vir, mesmo absolutamente certa de que ao começar a conversa com a entrevistadora Angel ignoraria todas as observações que eu assinalava.

Assim que Angel Vianna seguiu para seu ritual de embelezamento, e sabendo o quanto ele é demorado, fugi para realizar serviços rápidos na rua. No meu regresso, a jornalista e o fotógrafo já estavam à espera na sala da qual eu havia me afastado por não mais que 15 minutos. Angel? Ainda trancada no banheiro, quase terminando, passando seu batom, informa Tatiane.

A entrevistadora está sentada despojadamente no sofá e, com uma das mãos, acaricia as mexas do cabelo, com a outra segura displicentemente o celular, enquanto desliza o polegar sobre a pequena tela. O fotógrafo prepara sua câmera. Eu me apresento e, naquele instante, mais uma vez, frente às milhares de funções que venho desempenhando nesse projeto, se manifesta a incerteza de como definir-me naquela situação. Depois de conturbadas frações de segundos disparo, logo em seguida à

enunciação do meu nome: diretora de produção do recente projeto de Angel Vianna. Não me sinto bem na definição, mas ela cabia bem para a situação. “Aceitam uma água ou um café?”, Tatiane gentilmente faz a oferta, tentando minimizar o incômodo que eles já manifestavam com a espera. Aceitam água.

Dez minutos avançam e nada de Angel aparecer na sala. “Será que ela ainda vai demorar muito?”, pergunta a entrevistadora. “Não, ela está quase acabando”. Tatiane me interpela com um olhar apelativo que eu, rapidamente, compreendo. Bato à porta do banheiro e, com uma intimidade adquirida em oito meses de trabalho, pergunto se posso ajudá-la a terminar. Ela aceita a oferta, até porquê precisa de alguém que a tire de suas incertezas, afirmando se a sobrancelha, o batom e o cabelo estão bem. Assinto em todos questionamentos e, ainda assim, os pincéis de maquiagem vão e voltam mais umas tantas vezes dos estojos. “Vamos Angel, você está ótima!”. Ainda alguns minutos e eu começo a ficar nervosa, muito menos pela espera dos jornalistas, do que pelos minutos em que ela permanecera de pé em frente ao espelho. Recuperando-se de uma séria inflamação no joelho, Angel estava fazendo uso da cadeira de rodas para se locomover e os muitos minutos que permanecera de pé não lhe eram nada aconselháveis. “Maria Angélica Abras Vianna vamos sentar na cadeira de rodas agora!”, falo com voz doce, mas em tom imperativo. Ela se rende fazendo gemidinhos de dor. Com cabelo, batom, sobrancelha bem feitos e echarpe rosa, a cor do dia, finalmente deixamos o banheiro rumo à sala onde o jornalismo nos aguardava. “Oi Angel!” - testemunho, mais uma vez, a frase habitualmente pronunciada em tonalidade vocal invariavelmente mais alta quando alguém encontra Angel Vianna. A moça se apresenta e o fotógrafo a cumprimenta, pois já a conhecia de uma outra sessão de fotos. Eu me retiro um pouco de cena, embora permanecendo à disposição. A entrevistadora começa uma conversa com Angel, enquanto o fotógrafo volta a mexer na câmera. Na apresentação, com seu ar descontraído, a jornalista diz à Angel que aquela é uma matéria para falar de **toda** a sua vida, e enfatiza o “o” da palavra “toda” com um gesto amplo e circular do braço direito.

Nessa conversa inicial e trivial ouço a exclamação: “Ah! Então, você não é carioca, é de Belo Horizonte!”. Tento disfarçar a expressão de espanto que, sem tempo de evitar, se compôs em minha face: a entrevistadora viera conversar com a entrevistada para falar de **toda** a sua vida sem saber, ao menos, onde ela nascera. Por sorte, naquele momento eu estava fora de foco.

O clima de programa de auditório se instala até que o fotógrafo decide fazer as fotos,

interrogando-me sobre o melhor recanto da sala para o enquadramento. Acuso o sofá próximo à janela atentando, contudo, para o contraluz: afinal, estávamos naquele ponto em torno das 13 horas. Com segurança, ele afirma que o contraluz não é um problema, que ele “dá um jeito”. Mas, parece que o sofá não o agrada muito e quer fazer um rearranjo no espaço. Pede consentimento à dona da casa que, sem pestanejar, consente: “Pode meu filho, claro que pode, pode fazer o que você quiser. Tati ajuda ele!”. Em poucos minutos, todos nos pusemos a revirar os móveis até encontrar a disposição para o justo enquadramento de Angel Vianna à frente de sua janela, em contraluz, com um flash que deveria resolver esse problema.

Angel se acomoda no pufe e tenta colocar o echarpe de modo elegante; eu entro em ação e ela gosta do resultado. O fotógrafo inicia seus cliques e, em poucos minutos, se queixa do contraluz. Impedindo a tempo que a frase venha à tona, exclamo em pensamento: “Eu falei!”. Tatiane desce o toldo objetivando diminuir a luz que entra. O fotógrafo mexe na intensidade do flash, muda de lugar, segura a câmera com a mão e busca o melhor resultado. Pose, olha para um lado, sorri, olha para a câmera, sorri, fica parada, paradinha, sorri. Mais alguns cliques e, finalmente, ele diz que tem a foto, está satisfeito. A jornalista, então, se acomoda perto de Angel que permanece no pufe próximo à janela. A entrevistadora saca seu celular e retoma a entrevista em tom de conversa casual: pretende fazer a cobertura de toda a vida de Angel naquele intervalo de tempo e inicia perguntando sobre sua formação em Arte “Você começou fazendo balé?”. Angel esclarece fatos sobre os quais não se cansa de discorrer, porque todos não se cansam de lhe fazer as mesmas perguntas, cujas respostas estão devidamente registradas num belo acervo virtual, com fotos e documentos (<http://www.angelvianna.art.br/>). A entrevistadora tem dificuldades em compreender como os acontecimentos se davam há seis décadas, quando uma mulher de família mineira tradicional e de alto poder aquisitivo pretendia seguir a Dança como opção de vida. Pacientemente, Angel esclarece os fatos. Por sorte, ela gosta da moça que a entrevista, ela é “bonitinha” e é baiana, e com esses pré-requisitos, cai no gosto da entrevistada.

Com alguma dificuldade a conversa avança até o momento em que a moça pergunta qual a idade de Rainer, filho de Angel. Eu, sentada no canto do sofá que não havia sido mudado de lugar, gelo por dentro sem saber se ela tinha se equivocado na pergunta ou se a confirmaria. (O filho único de Angel faleceu em 26/8/1995!). Angel não escuta ou finge não escutar fazendo bom uso dos males da idade e, portanto, não responde à pergunta. A entrevistadora insiste e, para meu estupor, refaz a pergunta.

Desta vez, aproveitando que a moça baiana e “bonitinha” estava de costas, olho para ela com espanto e desejo de pedir desculpas à Angel, mas esta, com a tranquilidade de seus de seus mais de oitenta anos, esclarece que seu filho “não estava mais entre nós”. A moça, sem perceber a violência de sua pergunta, quer saber como ele morreu. A ignorância pode ser muito cruel, concluo silenciosamente. Mas a velha senhora, com alguma tranquilidade, ainda consegue dizer à moça que não gosta muito de falar desse assunto.

(O ano era 1995, eu cursava o terceiro ano da formação técnica para bailarinos da Escola de Estudos do Movimento e Artes, dirigida por Angel Vianna na rua Orlando Dantas, número 2, no bairro de Botafogo. Durante dois dias o filho único de Angel e Klauss Vianna, herdeiro não apenas do carisma dos pais, mas de seus talentos para as artes do movimento, havia desaparecido. Os rumores estavam pelos corredores da escola e a angústia de Angel era sabida de todos. Ao final do terceiro dia, o corpo de Rainer é encontrado nas areias da Praia de São Conrado. Naqueles dias, depois do acontecido, uma só pergunta nos ocupava a todos: “Como ela vai suportar?”. Mas ela seguiu, transformando não apenas o fato, mas qualquer encontro com desavisados que a fazem recordar uma das maiores dores de sua vida).



Fonte: <http://vamosfalar-jornalismocultural.blogspot.com.br/2013/05/danca-rio-de-janeiro-ferida-sabia.html>

Foto: Renato Mangolin

Por uma fração de segundos, eu sentada ali naquele canto de sofá, fingindo não perceber o que acontecera para não tornar maior o constrangimento, revivo toda a comoção daqueles dias passados há mais de duas décadas. E concluo mais uma vez em pensamento: “a ignorância pode ser muito cruel!”.

A conversa entre elas muda de rumo, mas diante de sua total inabilidade, a entrevistadora não consegue avançar muito. O tempo se excede e os jornalistas precisam seguir para uma outra entrevista. A moça interrompe a gravação e pergunta se pode finalizar por telefone. Angel, que gostou da moça, afirma: “Claro minha filha, pode me ligar” e fornece seus números. A entrevistadora anota os números de Angel e pede também os meus. É minha deixa, penso e arrisco: “Você conhece o acervo Angel Vianna?”; “Não” - responde moça; “É um acervo virtual excelente com todas as informações de data, documentos, fotos, é só colocar na busca que aparece o endereço”; “Ah! Que ótimo! Como é? Acervo Angel Vianna?”; “Isso” - confirmo. Ela anota também essa informação, agradece, ambos arrumam apressadamente suas coisas. Angel, buscando agradar como anfitriã, embora tenha feito as duas criaturas aguardarem cerca de 40 minutos em sua própria sala, ainda pergunta: “Mas não vão beber nada? Uma água, um cafezinho? Tati oferece alguma coisa.”; “Não, não muito obrigada, estamos ótimos, foi ótimo, a gente termina por telefone, mais tarde eu ligo pra senhora”. Beijos, abraços e se vão.

No dia seguinte, meu celular toca, atendo, é a jornalista se desculpando e pedindo que eu transmita suas desculpas à Angel. A matéria não será publicada porque naquele dia havia saído uma outra matéria, de página inteira, em outro caderno do mesmo importante jornal sobre a própria Angel e seu novo espetáculo. Portanto, não haveria sentido publicar em outra coluna uma matéria com, basicamente, a mesma história. Eu compreendo, agradeço o cuidado em ligar e confirmo que transmitirei as desculpas à Angel. Desligo o telefone sem saber se decepcionada ou aliviada.

A quase matéria não saiu, evidentemente. Dessa vez, fomos todos preservados. E eu continuei perplexa com a constatação que antes me ocorrera: se em geral a ignorância pode ser muito cruel para a própria pessoa, que se expõe às vezes ao ridículo, em termos do dano que pode causar, no jornalismo a ignorância é imperdoável.